

CORPO DE DELITO

Valores e crise

Não há "crises de valores", o que há é mudanças de valores: valores novos, valores diferentes



Rui Patrício

A conversa sobre a "crise de valores" é como as bengalas: serve para tudo, desde amparar um coxo até dar estilo a um tipo de pernas saudáveis; desde apontar um caminho até dar uma bengalada no lombo de um animal de carga ou doméstico ou nas costas de uma pessoa que se nos atravesse no caminho. No Bahrein vivi uma pequena história, e sobre ela escrevi e publiquei um texto (no meu livro "Mapa-múndi da Justiça") onde disse que não tolero a tolerância, porque é uma falsa virtude: baseia-se na sensação de superioridade do que tolera relativamente ao que é tolerado e pode esconder um potencial déspota ou um mal disfarçado agressor. Continuo a pensar assim. Agora e aqui, digo praticamente o mesmo sobre o discurso da "crise de valores", discurs-

so muito frequente e muito usado para explicar, com ligeireza e facilidade, as mais diversas coisas, as mais diferentes crises, comportamentos e fenómenos variados, superficiais e profundos, graves e leves, episódicos ou repetidos. Não há "crises de valores", o que há é mudanças de valores: valores novos, valores diferentes. Os valores são como os amores; parafraseando Trindade Coelho, há os novos, os velhos e osinhos; valores novos e valorzinhos. Eles não desaparecem, simplesmente mudam, transformam-se, são substituídos por outros. Nascerem, vivem e morrem, como tudo nesta vida. Posso gostar mais dos meus que dos valores dos outros, e lutar por eles; posso preferir os antigos aos novos, posso suspirar pelo "meu tempo". Ou posso preferir até os de tempos que não conheci, mas que idealizo ou vejo narrados nas histórias, os que imagino, os que desejo, os que virão amanhã - cantando ou não -, e bater-me por eles. Tudo isso pode ser, tudo isso é, tudo isso continuará a ser - e ainda bem.

O que não pode ser, do que não gosto, aquilo com que embirro e que esconjuro é a conversa da "crise de valores",

porque se baseia na ideia de que os valores supostamente em crise (os antigos, os meus, os que idealizo ou desejo) são, não só os que prefiro, mas os únicos válidos, os bons, os virtuosos, os sãos, os correctos, os que poderiam evitar as crises que se quer explicar e justificar com esse discurso da "crise de valores". O que contém o mesmo perigo da tolerância, o de poder esconder um potencial déspota ou um mal disfarçado agressor. E ainda outro perigo: o de quem assim discursa nada fazer, nada criar, nada empreender, em nada investir para andar para diante e tentar contribuir para resolver a crise ou as crises, ficando paralisado nos seus lamentos sobre a suposta "crise de valores". Quando assim é, é-se velho, não se quer viver, apenas se suspira - recordando e olhando para trás, ou apenas imaginando e olhando para o ar - pelo seu tempo ou por outro tempo. No seu tempo é que era bom... Ou se as coisas fossem diferentes... Ou amanhã é que será, um homem novo... Mas isso é a morte, é o fim, ou então é a alienação - dos indivíduos, mas também das sociedades.

Advogado

Escreve ao sábado



A tolerância é uma falsa virtude